Ecletismo em Manaus: Materiais Construtivos e de Revestimento
(Márcia Honda Nascimento Castro)

A inovação tecnológica que se processou na época historicista manauara foi possibilitada, principalmente, graças às primeiras manifestações da mecanização da manufatura de materiais de construção (Revolução Industrial) e à presença dos imigrantes assalariados, como mão-de-obra.

Na composição de fachadas e de interiores das edificações, concorreram materiais nacionais e importados, notadamente os europeus, que evidenciavam, de acordo com o requinte, o poder aquisitivo de seus proprietários. Houve casos, inclusive, de se importar edificações inteiras, para cá, fabricadas nos países europeus e que vinham desmontadas, nos porões dos navios. Não se tratava, apenas, de materiais decorativos ou de acabamento, mas de elementos estruturais como um todo: tijolos, ferragens, coberturas, etc. O exemplo mais clássico que se possui, é o Prédio da Alfândega, trazido, bloco a bloco, da Inglaterra.

O nível de ostentação era tanto, que as classes menos favorecidas, por não deterem capital suficiente para a aquisição de materiais nobres, adotaram um método, até então inédito: a pintura imitativa ou de fingimento. Este recurso consistia em aplicar, sobre materiais de qualidade inferior, uma pintura especial, que se assemelhava ao revestimento de mármores, granitos, ferros e madeiras de lei. Em alguns imóveis manauaras, atualmente, encontraram-se alguns destes exemplares.

Os principais materiais construtivos e de acabamento eram:

Estuque
Feito com argamassa de gesso, cal, areia fina de pó de mármore e água, era utilizado nos elementos decorativos das fachadas. Os elementos decorativos tinham motivos florais, de frutas, pássaros, molduras e detalhamentos clássicos, laços, fitas, cordas, máscaras, gregas, etc.

Argamassa
As paredes geralmente eram revestidas por argamassa compondo emboço de areia, barro e cal.

Alvenaria
Empregava-se o tijolo de barro vazado e pedras em bloco, normalmente em dupla camada, gerando paredes de grandes larguras. Os blocos de pedra eram utilizados na estrutura dos porões, para conceder maior resistência à edificação, mas foram encontrados exemplares com paredes externas inteiramente feitas deste material. Na coletânea de decretos e leis dos meses de agosto e setembro de 1901, havia um artigo referente às fundações dos imóveis: "*A construcção de edificio de tijolo será assente sobre alicerces feitos*

com pedra ou calcareo, contendo pelo menos oitenta centimetros de profundidade e igual de espessura." (artigo 18).

Verificou-se, com freqüência, nessas edificações antigas, muitos erros de esquadro e de prumo nas paredes, às vezes tão visíveis, que o imóvel parecia retorcido. Mas essa situação já se apresentava bem melhor, agora com materiais como o tijolo, de dimensões mais definidas, do que na época colonial, quando a tecnologia de taipa de pilão gerava maiores erros.

Barro
Presente na composição das telhas, utilizadas em coberturas e cimalhas, com os tipos francesa, marselha ou canal, provenientes de Lisboa, de Marselha ou de produção local; na composição dos respiros, que eram elementos vazados, em forma de concha, aplicados nos telhados; na composição dos tijolos, normalmente, de dois, quatro ou seis furos, com dimensões muito maiores que as atuais, confeccionados, a maior parte, nas olarias existentes na cidade, apesar de terem sido encontrados exemplares de Marselha; e na composição das argamassas.

Em anúncio da Olaria Cacau Pereira, de A. C. de Miranda Correia, publicado no Jornal do Commercio, no. 1373, de 20/01/1908, lia-se: "... *O tijollo de quatro buraccos, tendo uma secção quadrada, muito facilita o trabalho do pedreiro. O tijollo de dois buraccos têm muita applicação para arcos e cimalhas, substituindo com vantagens ao tijollo de alvenaria.*"

Madeiras
Eram utilizadas na confecção de esquadrias em geral, corrimãos, forros e pisos. Os tipos mais empregados eram peroba-do-campo, pinho de riga, ipê, acapu e pau-amarelo. Dentre todas, sobressaía o pinho-de-Riga, por ser uma madeira leve, de talho fácil, resistente à flexão e à ação de cupins. Até 1914, ano da Primeira Grande Guerra, esta madeira dominou o comércio para as construções, especialmente nas grandes cidades brasileiras.

Os pisos de tábuas corridas eram muito comuns, mas sua aplicação limitava-se aos ambientes internos, como as salas de viver, jantar, corredores e quartos. Havia, também, os pisos parquetados, que empregam pedaços de madeira de formas variadas, de modo a permitir a formação de desenhos em mosaicos, sempre geométricos, estrelas, gregas, etc.

Os forros de madeira podiam ser simples, de tábuas corridas, parquetados, apresentando detalhamentos em alto-relevo (em madeira ou bronze), ou elementos vazados para ventilação dos ambientes.

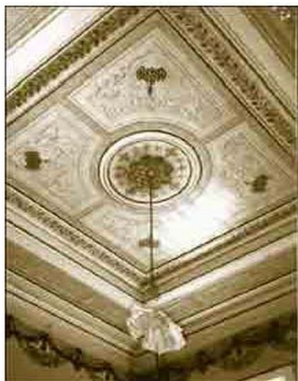
Normalmente, evitava-se o uso de madeiras nas paredes, devido aos preconceitos e conseqüente resistência da população.

Vidros
Podendo ser lisos, lapidados, fosqueados, coloridos ou espelhados, eram empregues nas esquadrias de portas e janelas, e na confecção de telhas, para conceder maior luminosidade aos interiores das edificações.

Pedras
Pedras nobres como o mármore (especialmente o de Carrara) e granito eram vistos em soleiras, peitoris e, em edificações mais requintadas, poderiam compor a paginação completa de um piso, utilizando peças simples, lisas, isto é, de uma só cor, com elementos iguais, ou formar desenhos à feição do parquet. Pedra de lióz e pedra jacaré faziam as guias, arremates dos passeios; pedra de cantaria podia ser notada no barramento de algumas fachadas. Era comum, também, que os alicerces e até mesmo paredes inteiras das casas fossem constituídos de imensos blocos de pedras.

Azulejos, ladrilhos
Os azulejos, notadamente os portugueses, podiam ser encontrados em algumas fachadas, porém sua maior utilização ocorria nas paredes de áreas molhadas, como cozinhas e banheiros. Os ladrilhos hidráulicos entravam na composição de pisos de áreas externas (varandas, pátios, passeios), e de áreas internas (salas, porões, cozinhas, áreas de serviços, banheiros, quartos). Tinham formato quadrado, normalmente, 20 x 20 cm,com 2 cm de espessura, podendo ser lisos ou com motivos decorativos (geométricos, florais, ramagens, ou formando painéis ou paisagens).

Os ladrilhos também eram utilizados para a confecção dos rodapés.

Ferragens
O ferro era utilizado em gradis, portões, guarda-corpos, gateiras, algumas bandeiras de portas e janelas, preferindo-se o ferro batido em varas verticais simples ou com pequeno perfil, de seção quadrada ou circular. Pode o ferro ser em barras, formando desenhos, com as junções em rebites ou com luvas de chumbo, ou ainda com ferro chato, laminado, também compondo desenhos. Estes incluem, às vezes, elementos em relevo, chapas repuxadas ou fundidas em metal ou chumbo, formando flores, inscrições e outros elementos decorativos vindo, depois, os ferros fundidos e os mistos, com fundição e laminados. Também podia ser empregue em estruturas de marquises; chapas de cobre para a confecção de calhas e condutores; chapas de zinco, de ferro zincado, lisas ou onduladas; folha de flandres; arames e pregos galvanizados; elementos estruturais; elementos decorativos para cumeeiras ou beirais (lambrequins).

Tintas
As tintas, nas edificações ecléticas, utilizavam a mesma composição básica das tintas coloniais a água e a cal; porém, agora, coloridas com pigmentos vegetais, como o anil, cujo fixador era a pedra-ume, ou com certos óxidos ou terras finas. Eram aplicadas diretamente sobre as superfícies, sem massa

intermediária, permitindo que as paredes respirassem livremente, mas com o inconveniente de envelhecerem rápido, esmaecendo-se.

A pintura a cal tinha ação desinfetante e, acredita-se, seja originária desta constatação, o atual uso da caiação dos troncos das árvores, especialmente aquelas dos pomares domésticos.

Pinturas
Nas fachadas, predominavam as pinturas simples, lisas, sem motivos decorativos. Verificou-se, pelas tonalidades evidenciadas em fotos de época (em preto e branco), que, normalmente, havia uma gradação nas cores dos quatro principais elementos de fachada, da mais forte à mais clara, progressivamente: barramento, esquadrias, paredes e detalhamentos. Com base em prospecções realizadas em alguns imóveis, observou-se que cores utilizadas nas paredes tendiam para o terracota e o vermelho, ao passo que os detalhamentos tendiam para o ocre, e os gradis e ferragens, para o verde-musgo ou cinza escuro.

A manutenção das pinturas das casas era exigência legal, conforme o artigo 33, da Lei No. 41, de 23 de agosto de 1901: "*O proprietário ou encarregado de qualquer predio é obrigado a trazel-o sempre limpo*.

§ Único . A fachada da casa deverá ser limpa, pintada ou caiada, pelo menos uma vez em cada biennio, ou quando taes serviços forem reclamados, precedendo, neste caso, se preciso for, intimação da Intendencia." (artigo 33)

Nos interiores, contudo, era freqüente o emprego de pinturas murais ou parietais, que podiam ser encontradas em paredes e forros. Havia dois tipos básicos de pintura: a artística e a decorativa. A pintura artística tratava-se de uma obra de arte, propriamente dita, de elaboração e execução personalizadas, preenchendo alguma intenção criativa. Como exemplares, podem ser citadas as paisagens criadas com efeito de tromp- l oil. A pintura mecânica, por sua vez, necessitava de recursos como gabaritos ou moldes vazados, para a confecção em série dos motivos; ou à mão livre, porém caracterizando-se pela ausência de traço ou gesto pessoal do executor, exceto por detalhes de qualidade executiva. Citem-se, neste caso, os trabalhos feitos em estêncil.

Fontes:

1. BENCHIMOL, Samuel. Manáos-do-Amazonas, Memória Empresarial. Manaus: Imprensa Oficial, vol. I, 1994.
2. FABRIS, Annateresa. Ecletismo na Arquitetura Brasileira.São Paulo: Nobel, 1987.
3. FILHO, Nestor Goulart Reis. Quadro da Arquitetura no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, vol. 18, 1997.
4. LEMOS, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa. São Paulo: Nobel, 1989. "Manaus, Ontem e Hoje." Manaus: PMM, 1996.

5. Manual de Obras em Edificações Preservadas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismos e Esportes, vol. 1 , 1991.
6. VASCONCELOS, Sylvio de. Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos. Belo Horizonte: Rona Editora, 1979.

(*) Márcia Honda Nascimento Castro é Arquiteta e Urbanista, Inspetora de Patrimônio Histórico e Turístico da SEC e professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Objetivo.

Fotos: Antônio Carlos Nascimento.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura